

Nas pinturas efectuadas no local, as tintas e o verniz de acabamento são preparados com antecedência, e para assegurar a penetração do verniz é conveniente aumentar a percentagem de tolueno. Esta operação efectua-se com intervalos entre as aplicações para a secagem do verniz, de forma a evitar os escorrimentos das pinturas.

De acordo com os princípios éticos para a conservação e restauro aplicados à reintegração cromática (capítulo 4, ponto 4.1), as áreas retocadas deverão criar uma visão equilibrada e de conjunto do objecto, mas de forma a que se identifique ou diferencie o original do falso, para assim respeitar a integridade da peça e a do observador.

Tendo em conta estes princípios, o restauro cromático é efectuado num tom ligeiramente mais claro, de modo a passar visualmente despercebido mas identificável a curta distância do revestimento reintegrado.

Reprodução de azulejos

À semelhança das razões e dos princípios que orientaram os restauros cromáticos, as reproduções são executadas com o objectivo de restabelecer a integridade arquitectónica e artística da fachada, através da colmatação de falhas, ou da substituição de azulejos em elevado estado de degradação.

Além disso, como se trata de revestimentos integrados num conjunto arquitectónico, procede-se à substituição dos azulejos sempre que a alteração ou degradação destes materiais coloque em risco a preservação do edifício, nomeadamente “ao permitir que os agentes de degradação atinjam elementos estruturais”.¹³¹

Uma vez que os azulejos de fachada são constituídos por módulos repetitivos, é mais simples copiar ou reconstituir os desenhos, sem correr o risco de falsificar ou deturpar a leitura do original. Contudo, e à semelhança do que acontece com as reintegrações cromáticas, as reproduções são elaboradas de forma a poderem ser identificáveis a curta distância, “a fim que o restauro não falseie o documento da arte e da história”¹³². Também por razões de ordem estética, técnica e ética, à excepção das matérias-primas¹³³, procura-se, sempre que possível, reproduzir as técnicas tradicionais de fabrico e de pintura dos azulejos.

Para exemplificar os processos de reprodução desenvolvidos no ACRA, descrevem-se, sumariamente, dois processos: o fabrico e a pintura de azulejos de relevo, e a pintura de azulejos pela técnica da estampilhagem.

Na reprodução de azulejos relevados, desenvolvem-se as seguintes etapas:

- Escolha da pasta e execução de placas à lastra com espessura e comprimento predeterminados, para medir a contracção à secagem e à cozedura;
- execução do modelo em gesso a partir do azulejo original que se pretende reproduzir, tendo em conta o valor da retracção do barro escolhido (figura 69);
- preparação da cofragem à volta da peça e isolamento do interior da caixa, com barro mole, de forma a impedir eventuais saídas de gesso. Aplicação de um desmoldante na superfície do modelo (pode ser vaselina sólida, ou sabão mole, por exemplo) para evitar que o gesso exerça ancoragem sobre a peça;

Figura 69
execução do modelo

Figura 70
remoção da peça do molde em gesso

Figura 71
Recorte da estampilha

¹³¹ Cf. AGUIAR, José – *Cor e cidade histórica. Estudos cromáticos e conservação do património*. Edição da Publicações, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2001, versão condensada da dissertação de doutoramento em Conservação do Património Cultural, apresentada à Universidade de Évora em 1999, p.395.

¹³² Artigo 12º da Carta de Veneza, in FERREIRA, Jorge A.B. – *Direito do Património Histórico-Cultural: Cartas, Convenções e recomendações internacionais. Actos comunitários*. Centro de Estudos e Formação Autárquica (CEFA) Coimbra, 1998, p. 228.

¹³³ Nomeadamente das tintas, dos óxidos e dos vidrados cerâmicos, e do barro, na medida em que, de momento, não existe a possibilidade de recorrer a meios técnicos e científicos que permitam, não só o estudo e execução destas matérias-primas, como a construção de fornos tradicionais oitocentistas, e consequentemente, de atmosferas de cozedura e de vidragem próximas das originais.





Figura 69



Figura 70



Figura 71

- verte-se o gesso cerâmico, líquido, para a caixa até à espessura considerada necessária. Depois de solidificado o gesso, remove-se a caixa e a peça, obtendo-se o negativo do modelo (o molde);
- preenchimento do molde com barro, pressionando a pasta com os dedos, de modo a cobri-la e ajustá-la ao negativo. Remoção do excesso de barro, e separação da peça do molde (figura 70);
- disposição da peça sobre placas de madeira, para a secagem dos elementos ao ar livre. Ao processo da secagem¹³⁴ segue-se a cozedura do barro no forno cerâmico a 980°C. Após a cozedura procede-se à pintura, com o pincel, das reproduções.

Na execução de reproduções de azulejos decorados segundo a técnica da estampilhagem, desenvolvem-se as seguintes operações:

- recorte das estampas necessárias à decoração do motivo e impermeabilização do contorno do motivo com vaselina, para impedir a passagem da tinta durante a estampilhagem do motivo (figura 71);
- pesagem na balança de precisão das quantidades predeterminadas (vidro e tintas) e mistura das matérias-primas com água. A densidade, a diluição e a viscosidade desta calda (vidrado em suspensão) deve estar em função da cobertura que se pretende aplicar;
- vidragem por escorrimento¹³⁵ da superfície do azulejo enchacotado¹³⁶ (estampilhado e relevado) até ficar totalmente coberto por uma camada uniforme (figura 72). No fim de cada aplicação procede-se à remoção do vidrado em excesso com o auxílio de uma esponja húmida;
- disposição das estampas sobre as bases cruas por ordem de cores – das mais claras para as mais escuras - para não se misturarem. Cada estampa corresponde a uma cor diferente do motivo;

¹³⁴ "a secagem é a operação que consiste em fazer desaparecer por evaporação toda a água de mistura, ou seja, toda a água que incorporámos na pasta ao prepará-la e ainda toda a água que lhe incorporámos ao modelar a nossa peça" in FAGUNDES, Arlindo Terra – *Manual prático de introdução à cerâmica*. Editorial Caminho, Lisboa, 1997, p.123.

¹³⁵ "Aplicar uma coberta por escorrimento consiste em verter a calda de vidragem deixando-a escorrer sobre a peça até que esta fique totalmente revestida por uma camada de vidro". Cf. FAGUNDES, Arlindo – *Manual prático de introdução à Cerâmica*. Editorial Caminho, Lisboa, 1997, p. 268.

¹³⁶ Barro cozido.



Figura 72



Figura 73



- estampilhagem dos motivos com uma trincha (figuras 74 e 74), acabamentos a pincel (quando existe no motivo original) e “encerramento” das estampas seguindo-se, se necessário, uma segunda vidragem do motivo com um vidrado transparente. A pintura realiza-se, dentro dos possíveis, de acordo com as técnicas decorativas antigas, nomeadamente, e como foi aqui descrito, a ordem de aplicação das estampas, a concentração e a orientação da trincha usada durante a aplicação da tinta, ou o “fecho” da estampa;
- cozedura das provas no forno cerâmico à temperatura recomendada, normalmente a 1030°C, e verificação final da cor.

Quer numa técnica como na outra, a pintura é precedida de um conjunto de testes com vista ao apuramento duma cor que se aproxime, o mais possível, da cor do motivo, ou da base, do azulejo que se pretende reproduzir. Tanto o número de testes, como a qualidade e a quantidade de matérias-primas utilizadas neste processo, são registados numa ficha, na qual são simultaneamente anotadas informações como:

- no caso da técnica da estampilhagem, o número e a ordem das estampas assinaladas no motivo original, com vista ao estudo e à elaboração de novas estampas (figura 75);
- o fornecedor, a marca e a referência das tintas, dos corantes, dos óxidos e dos vidros cerâmicos utilizados nas provas. Saliente-se a título de exemplo que para a reprodução das bases antigas, são misturados nos vidros transparentes e opacos, diferentes percentagens de pigmentos e óxidos colorantes;
- o número de provas executadas, a percentagem de tintas, vidrados e água utilizadas na sua composição;
- a temperatura de vidragem aplicada na cozedura das provas.

No [Quadro 2 \(página 96\)](#) encontra-se exemplificada a ficha que acompanha as provas de cor durante a execução das reproduções.

A reprodução dos elementos procura, sempre que possível, respeitar a heterogeneidade cromática do revestimento no qual vai ser recolocada, e sempre que isso não é possível nomeadamente, porque não existe um número suficiente de originais, no *Atelier de Conservação e Restauro de Azulejo (ACRA)*, ou porque os elementos se encontram na fachada é necessário efectuar deslocações à fachada para verificar as provas.





Figura 74



Figura 75

Figura 72
Processo de vidragem do azulejo

Figuras 73 e 74
Estampilhagem do motivo

Figura 75
Provas de cor